

“O SERTANEJO” DE JOSÉ DE ALENCAR: UMA LEITURA DA FORMAÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA SOCIAL

Felipe Rodrigues Costa

Pedro Fernandes de Queiroz

Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA

RESUMO: Neste trabalho tem-se como objetivo principal investigar a visão que José de Alencar teceu na obra “O sertanejo”, com a finalidade de entendê-la como uma das primeiras etnografias da sociedade sertaneja, para daí tentar entender como se organiza a estrutura social da sociedade sertaneja alencariana.

PALAVRAS CHAVE: cultura sertaneja, literatura, racionalidade, religião

ABSTRACT - This work has been aimed at investigating the vision that José de Alencar has woven the work “O Sertanejo” in order to understand it as one of the first ethnographies of society sertaneja, then try to understand how to organize the social structure sertaneja alencariana society.

KEYWORDS: country culture, literature, rationality, religion

“O SERTANEJO” DE JOSÉ DE ALENCAR: UNA LECTURA DE LA FORMACIÓN DE UN ESTILO DE VIDA SOCIAL

RESUMEN: En este trabajo se tiene como objetivo principal investigar la visión que José de Alencar tejió en la obra “*O Sertanejo*”, con la finalidad de entenderla como una de las primeras etnografías de la sociedad *sertaneja*, para de ahí intentar entender cómo se organiza la estructura social de la sociedad *sertaneja* alencariana.

PALABRAS LLAVE: cultura *sertaneja*, literatura, racionalidad, religión.

INTRODUÇÃO

Examinando a cidade – leia-se também o sertão – nos elementos que a compõem, saberemos melhor em que eles diferem, e se é possível reunir esses conhecimentos esparsos para deles formar uma arte. (ARISTÓTELES: s.d. 13)

Muito já se falou e escreveu sobre o sertanejo, tanto na literatura, como nas Ciências Sociais. Porém diante desses dados, nós saberemos, realmente, dizer quem ele é? Ou como ele é? Nós nos arriscamos a responder que ainda não. Arnaldo personagem principal do livro “O Sertanejo”, de José de Alencar, último romance do escritor publicado em vida, é possivelmente, o melhor retrato do homem do sertão, já escrito na literatura brasileira, até o surgimento da literatura regionalista, como a de Graciliano Ramos e José Américo de Almeida entre outros. A escrita de Alencar é importante porque apresenta o interior nordestino do século XVIII e se aproxima de uma

etnografia sobre o sertanejo [N. 1], ainda que ele ponha a figura do sertanejo no espaço remoto do século XVIII, nos sertões de Quixeramobim, na província do Ceará.

A tentativa de interpretar esse tipo de homem desenhado por Alencar inicia-se pelo retrato de Arnaldo, assim descrito:

Era o viajante moço de vinte e um anos, de estatura regular, ágil, e delgado de talhe. Sombreava-lhe o rosto, queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabelos que anelavam-se pelo pescoço. Seus olhos, rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável (ALENCAR, 1998: 12).

Nessa citação percebemos que para sobreviver ao sertão é preciso ser ágil. A agilidade torna-se necessária porque ela acaba virando uma espécie de escudo para livrar o sertanejo constantemente dos sobressaltos, tendo nos olhos, “*rasgados e vívidos*” seu guia para reconhecer o momento certo de agir ou recuar, como um tigre. Tanto os olhos como a agilidade tem como fonte de energia que o alimentam, o “*coração indomável*”. Assim esse homem indomável, diante de quaisquer condições, é capaz de erguer a cabeça e enfrentar as intempéries dos desafios.

Vê-se, portanto, que o homem sertanejo passa por um longo processo de formação entre o meio social e físico que modela seu caráter. Assim, há indícios deste processo na escrita de Alencar que nos auxiliem a compreender e falar sobre o desenvolvimento histórico e espiritual do sertanejo Arnaldo, assim, como a influência desse tipo de homem na sociedade do *semi-árido* hoje? Como é a formação do homem sertanejo?

Sabemos que diante das precisões, o sertanejo é capaz de passar dias, a vagar pelo sertão privado de comida e água, ou de quase tudo. Para Alencar essa é a forma pelo qual o sertanejo alcança e vive sua liberdade. Essa liberdade chega a um valor tão alto dentro do conjunto de valores, ao ponto de orgulhar-se a viver do pouco, e ainda agradecer a Deus, dizendo: “*que ganha com sobra, mesmo sem ter nada* (ALENCAR, 1998)”. O que lhe sobra é liberdade diante dos escassos bens materiais. Por julgar ter a liberdade, como o maior bem, não carece do alheio, tampouco o cobiça. A liberdade quando obtida passa ser o caminho que o conduzirá a honra entre outros homens. Ao alcançá-la, servirá como uma bússola a garantir a liberdade em qualquer situação de contato com o mundo desconhecido.

É bom que se diga que a posição do sertanejo no mundo e em relação com ele mesmo, refere-se a uma condição geográfica, histórica, política, religiosa, econômica no limite da sua visão de mundo no mundo. Assim, nossa tentativa de conhecer o sertanejo no seu mundo, tem como lócus a arte discursiva de José de Alencar que o descreve como um homem livre e honrado, similar a um

dos “doze pares de França”. Mas como essa visão representativa do sertanejo foi sendo edificada no interior da própria obra *O sertanejo*?

RAZÃO E FÉ NA FORMAÇÃO DO HOMEM SERTANEJO

Para responder a essa indagação, partimos do pressuposto que a nossa razão é responsável pela consciência que temos de nós e do mundo. A nossa razão ou alma, segundo Baumgarten (1993) é uma força que nos leva a pensar. Esses pensamentos são as formas como representamos o mundo no seu conjunto para nós mesmos e para os outros. Eles assentam em dois fatores interligados: a *racionalidade* e a *realidade sócio-histórica* que o sujeito está inserido. De fato, escreve o filósofo “... *minha representação se pauta pela posição de meu corpo dentro do mundo* (BAUMGARTEN, 1993: 93).” Portanto, a representação é a forma como o sujeito vê e pensa o mundo das suas experiências no seu cotidiano. Assim dentro deste processo de formação vale perguntar: qual o tipo de racionalidade desenvolveu o homem sertanejo Arnaldo? Ou não seria racionalidade, e sim religiosidade?

Seria um determinismo geográfico afirmarmos que somente por causa da posição do Arnaldo no sertão ele foi capaz de tornar-se o que hoje conhecemos na figura de outros sertanejos? A maneira como ele formou as representações de mundo seria resultado de um longo processo de adaptação a uma realidade física, histórica e cultural, tão somente?

A visão do sertanejo em relação ao todo é limitada porque é desenhado por Alencar em um espaço, mas esse limite não o impediu de construir para si um mundo repleto de significados e valores essenciais para si mesmo no sertão. Pois esse sertão é uma pequena parte do mundo que se torna o cosmo para ele.

Para entendermos a construção desse cosmo é preciso uma investigação étnico-histórica sobre a formação do homem sertanejo no interior da obra alencariana, já que é possível retirar da etnografia alencariana, uma perspectiva historiográfica. Com isso, ousaremos dessa forma, chegar a uma consideração de conjunto do fenômeno sertanejo presente na obra, por meio dessa abordagem buscaremos evidenciar a ação recíproca entre o processo histórico de formação deste homem e o processo espiritual sobre o qual os personagens construíram o ideal de homem sertanejo.

A partir da herdade, no ano de 1764, José de Alencar funda no sertão de Quixeramobim, o centro gravitacional do cosmo que ele desenha como um etnógrafo, para apresentar a todos a figuração da sociedade sertaneja.

A morada da Oiticica assentava a meio lançante em uma das encostas da serra. Erguia-se do centro de um terrado revestido de marachões de pedra solta. Por diante, além do terreiro, descia

a rampa com suave ondulação até a planície; atrás da habitação, remontava-se ao dorso de uma eminência donde caía abrupta sobre um vale profundo que a separava do corpo da montanha.

Na frente elevava-se no terreiro, a algumas braças da estrada, a frondosa oiticica, donde viera o nome à fazenda. Era um gigante da antiga mata virgem, que outrora cobria aquele sítio. [...]

As casas da opulenta morada eram todas construídas com solidez dispostas por maneira que se prestariam sendo preciso, não somente defesa contra um assalto, como resistência em caso de sítio.

Ocupava a maior área do terreiro um edifício de vastas proporções que prolongava duas asas para o fundo, flanqueando um pátio interior bastante espaçoso para conter horto e pomar.

À extremidade de cada uma dessas asas prendiam-se outros edifícios menores, alguns já trepados sobre os píncaros alpestres, porém ligados entre si por maciços de rochedos que formavam uma muralha formidável.

A tapeçaria e alfaias da casa eram de uma suntuosidade que se não encontra hoje igual, não só em toda a província, mas quiça em nenhuma vivenda rural do império.

“Naquela época, porém, os fazendeiros tinham por timbre fazer ostentação de sua opulência e cercar-se de um luxo régio, suprimindo assim em torno de si o deserto que os cercava (ALENCAR, 1998: 22).

Há para quem habita o sertão, uma gradação de fronteiras, sendo todas elas conhecidas pelo nome de sertão, mas que se distinguem umas das outras pelo que há no seu interior que pode ser uma fazenda, um sítio, ou um simples homem com sua semente de gado bovino em meio ao nada, mas toda ela funda um cosmo sertanejo. Aos olhos de Alencar a fazenda é fundada como um poderoso ecossistema. Ela ergue-se para ser a maior fronteira habitável possível, para guardar e por em movimento uma ordem social frente à natureza, quanto mais abrangente for à fazenda, mas o homem se sobressai diante da natureza. Contudo, na maioria das vezes, torna-se insuficiente para defender os homens que vivem nessa imensa fronteira da penetração dos efeitos da seca, ameaça maior.

A seca castiga a todos impiedosamente, saltando por cima dos limites imaginários das fazendas, tornando o lugar inóspito e insalubre. Pode-se pensar que a seca é o chicote de Deus açoitando os homens do sertão. Castigando-os ou amando-os? *“Pois é pelo fogo que se*

experimentam o ouro e a prata, e os homens agradáveis a Deus, pelo caminho da humilhação (ECLESIÁSTICO 2, 5)". Os viajantes mesmo não morando no sertão tomam conhecimento desse purgatório: *"A chapada, que os viajantes atravessavam neste momento, tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquelas regiões no tempo da seca (ALENCAR, 1998: 9)"*.

É diante de condições tão extremas quanto a da seca, que Alencar apresenta o enfrentamento do sertanejo com a sua existência, ao ponto de obrigá-lo a construir um sentido para a vida. A fala que Alencar registra para demonstrar a situação de crise de existência do sertanejo sai da boca de Aleixo Vagas: *"Então, Arnaldo, como foi isto por cá, amigo? Seca muita, já se sabe! Olhe, digam vocês o que quiserem, isto não é terra de cristão (ALENCAR, 1998: 39)"*.

É algo muito áspero ouvir de um sertanejo que o sertão *"não é terra de cristão"*. Se a terra não é de cristão, sendo o sertanejo um homem religioso, teria Deus cometido uma injustiça? Será isso que Aleixo Vagas está afirmando? Ou estamos repetidas vezes chamando o sertanejo de homem sem ele sê-lo? Seria ele uma *"coisa possuída"* na terminologia de Aristóteles? Alguém que, mesmo sendo homem, não é dono de si, já que as calamidades que enfrenta o levam, a criar uma nova forma de viver e, invariavelmente ter de se submeter a outros? Ou é um homem agraciado por Deus, segundo o livro Colossenses. Sem essa passagem bíblica diremos o contrário?

Talvez não seja justo para o homem sertanejo alencariano viver no sertão e ter de suportar tantas provas. Por isso que ele inventou uma força exterior para lhe auxiliar a superar e suportar as provas. *"O capim, que outrora cobria a superfície da terra de verde alcatifa, roído até a raiz pelo dente faminto do animal e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardacentas (ALENCAR, 1998: 9)"*. Assim o sertanejo em Alencar por desconhecer a lógica da ciência, encontra na religiosidade a relação de causa e efeito para explicar seus problemas, ainda que pareça superstição aos olhos do homem ocidental.

Sem o verde e sem os animais para prover o alimento como o leite e a carne, o povo das fazendas corre o risco de ter que mastigar a fome. Como podemos observar neste trecho da obra:

Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa quadra, depois de longa seca, sente confranger-se-lhe a alma até os últimos refolhos em face dessa inanição da vida, desse imenso holocausto da terra.

É mais fúnebre do que um cemitério. Na cidade dos mortos as lousas estão cercadas por uma vegetação que viça e floresce; mas aqui a vida abandona a terra, e toda essa região que se estende por centenas de léguas não é mais do que o vasto jazigo de uma natureza extinta e o

sepulcro da própria criação (ALENCAR, 1998: 10).

Assim com o passar dos tempos o sertão e o sertanejo tornam-se cactos: áridos, difíceis, como todos os personagens do livro “O Sertanejo”. Tornam-se aquilo que Cristo disse: “*Eu e o Pai somos um* (JOÃO 10, 30)”. Cristo afirmava sua divindade e, conseqüentemente, a sua participação em todos os desígnios de Deus. Dessa forma Cristo reveste-se da realeza de Deus para vivê-la entre os homens. Essa relação de identidade de Cristo para com o Pai é a mesma dos sertanejos de Alencar para com seu habitat. Os homens que adentraram no interior do nordeste ainda não eram sertanejos. Eram apenas homens que estavam iniciando um processo de ocupação territorial. Assim, o homem ao desbravar o sertão, pouco a pouco, vai se tornando sertanejo: bravo, lutador, simples, homem do campo com um próprio conjunto de ideais. Ser sertanejo é ser apenas um com o sertão.

SERTÃO DE QUIXERAMOBIM: NOBREZA E A HONRA

Com este referencial de identidade, o homem do sertão mesmo estando distante dos grandes centros urbanos em nenhum momento pensa-se inferior aos cidadãos, segundo Alencar. O escritor usa uma eficiente engenharia para convencer ao leitor desse fato. Recorre ao valor mais importante na época, dado qualquer homem para ser reconhecido na colônia como Homem, bem como para receber status e prestígio: nos referimos ao grau de nobreza; ainda que seja às vezes, apenas pelo exercício da etiqueta Real existente em Portugal, como mostramos nessa extensa citação.

Já o crepúsculo da manhã começava a bruxulear as formas indecisas das árvores, que todavia ainda flutuavam pela várzea como visões noturnas embuçadas em alvos crepes.

D. Genoveva e as moças, vestidas de amazonas, com seus roupões de fino droguete guarnecido de alamares, trajavam com o mesmo, senão maior, luxo e primor das fidalgas de Lisboa; pois naquele tempo era sobretudo nas casas dos opulentos fazendeiros do interior que se encontravam o fausto e os regalos da vida.

O capitão-mor ia, como o Agrela e Arnaldo, vestido à sertaneja, todo de couro, da cabeça aos pés; e empunhava como eles, à guisa de lança, uma aguilhada, que chamam hoje vara de ferrão, e cujo conto apoiava no peito do pé. Trazia também preso ao arção da sela o laço de relho trançado.

O traje do fazendeiro distinguia-se dos outros pela riqueza. Era de uma camurça finíssima, preparada de pele de veado, e toda ela bordada de favores e debruços elegantes. A véstia, o gibão, e as luvas tinham os boiões

de ouro cinzelados; e eram do mesmo metal e do mesmo gosto, o broche que prendia a aba revirada do chapéu, e as fivelas dos calcões ou ponteiras.

A aguilhada também fazia diferença das outras. A haste cuidadosamente polida, tinha o lustre de um verniz escarlate usado pelos índios. O conto era de prata, como a ponteira, onde engastava o ferrão.

Todavia Arnaldo não trocava por esta a sua vara de carnaúba, que ele com a ponta da faca havia nas horas de repouso coberto de toscos desenhos, onde talvez escrevera a história de sua vida. Cada uma daquelas miniaturas era uma cena do grande drama do deserto.

[...]

Havia naquela época entre os abastados criadores da província essa bizarria de se vestirem de couro à sertaneja, e associarem-se assim por mero recreio às lidas dos vaqueiros, cujo ofício desta arte enobreciam. Nisso não faziam senão imitar os castelões e fidalgos da Europa que também se trajavam de monteiros, à moda rústica, para ir à caça.

O sertão do norte oferecia então aos ricos fazendeiros uma ocupação idêntica à das correrias de lobos e outros animais daninhos, em que se empregavam a atividade dos nobres no reino. Eram as vaquejadas do gado barbatão, que se reproduzia com espantosa fecundidade, por aqueles ubérrimos campos ainda despovoados. [...]

Era uma dessas montearias ou vaquejadas que naquela madrugada saía o capitão-mor, e a presença de sua família indicava ainda um traço de semelhança entre os nossos costumes sertanejos daquela época e as tradições da nobreza européia. Como as castelãs de além-mar, as nossas gentis fazendeiras tomavam parte nesses jogos fidalgos, e animavam com sua graça o ardor e os brios dos campeões. (ALENCAR, 1998: 108-109, Grifos Nossos)

Portanto, o sertanejo vê-se nobre quanto qualquer um da fidalguia portuguesa, mas é na honra que reside a distinção e insígnia do sertanejo. É ela que o faz amigo do sertão. Ela lhe igualá-la ao sertão, o torna rei sem coroa, independente de se ter uma fazenda ou vestuário de veludo. Mas como o sertanejo adquire sua honra e como ele a perde?

A honradez de alguém no sertão mede-se no terreno das palavras. Se as palavras forem questionadas é sinal que não se tem honra. É apenas mais alguém que não aprendeu com o sertão a ser forte e corajoso. Num mundo sem instituições reconhecedoras da lei e da justiça, a disputa pela honra funciona para estabelecer os lugares daqueles que detém o poder ou de que pode vim entrar em reivindicação, por outro lado a palavra falada serve para anunciar o real, ainda que não se esteja diante do fato ou da prova. Como exemplo disso, a caça ao boi Dourado. Arnaldo sendo o único que

conseguiu segui-lo, pegá-lo, ferrá-lo – com o emblema de uma flor que representava o nome de dona Flor a sua amada – e, depois de soltá-lo, retorna a fazenda sem nenhuma prova, diz:

-Eu já o peguei, senhor capitão-mor, disse Arnaldo sem alterar-se. [...]

-Mas que prova temos nós disso? Volveu Daniel Ferro.

-De quê? Perguntou o sertanejo.

-De ter pegado o boi e ferrado.

Arnaldo olhou-o com surpresa:

-A minha palavra, respondeu.

Já soava o riso dos dois hóspedes do Fragoso, quando o capitão-mor o atalhou:

-A tua palavra, Arnaldo, que nós seguramos com a nossa. O que disse o nosso vaqueiro é a verdade, e somos nós, o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, que o afirmamos. Se há quem duvide... terminou com reticência cheia de ameaças, correndo os olhos em roda.

-Quem é capaz de duvidar da honrada palavra de vossa senhoria? (ALENCAR, 1998: 148-149 Grifos Nossos).

Dessa forma, a disputa para estabelecer a honra, além de estabelecer os lugares das forças com poder, tem por finalidade, validar um conhecimento de um objeto invisível, que se quer apresentá-lo por meio de um enredo de palavras que se sustenta na própria palavra, mas quando não aceito, a força moral e a coragem o fundam mais concreto que uma assinatura num papel. Assim a palavra de honra de um sertanejo é poder, é saber, tão importante quanto à água e a comida para que possa viver.

Os que contestam o espaço do sertão por vê-lo unicamente por uma perspectiva econômica, como se observa na pergunta de Aleixo Vargas a Arnaldo: “- *Pois é coisa que se aprenda, morrer de fome e de sede ainda mais?* (ALENCAR, 1998: 39)”. Não compreende como Arnaldo que “- *Tudo aprende o homem, quando não lhe falta coragem*” e honra. Estes valores o conduziram a edificar uma cultura, uma existência diante da natureza, mas que só não se naturalizou diante da *natureza*, por causa da sua religiosidade que o Alencar apresenta que é a maneira singular de retornar a sua condição humana, sobretudo, na figura da mulher divinizada.

A DUALIDADE DA MULHER SERTANEJA: PUREZA E SEDUÇÃO

Ao lado desse homem que enfrenta todas as condições, José de Alencar situa a mulher, ora apresentando como ser distinto do homem, ora como sua complementação. Na obra “O sertanejo” apesar da mulher não ser o centro da narrativa e da descrição dos costumes do sertão. É

inegável que ela surge sempre como móvel orientador das ações dos homens no espaço, no tempo e na velocidade das relações sociais, ainda que pareça que haja na obra o interesse de negar essa motivação. Assim é possível perguntar qual a representação que a mulher tem de si mesma? Como essa representação foi sendo construída na obra “O Sertanejo”?

Talvez, a condição da mulher sertaneja encontre-se presente na fala alencariana sobre D. Genoveva: “*O extremoso amor da boa senhora não se animava a infringir o respeito e submissão que tinha pelo marido* (ALENCAR, 1998:101)”. A submissão da mulher sertaneja encontra em Alencar, grande inspiração bíblica, sendo também uma das formas dela garantir o seu lugar, já que “*da costela que tinha tomado do homem, o senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem* (GÊNESIS 2,22)”.

Essa idéia de inferioridade consentida arrasta-se por toda a obra de “O sertanejo”, sendo internalizada por quase todos os personagens, tornando-se parte da consciência coletiva de todos os que estão presentes na obra, principalmente, das próprias mulheres. Dessa forma, o lugar da mulher, desde muito já fora estabelecido (sua voz era ouvida somente durante as orações próprias do povo do sertão), reforçando-se em trechos esparsos da bíblia que eram lidos, como a epístola de Paulo aos Colossenses: “*Mulheres, sede submissas a vossos maridos, porque assim convém, no Senhor* (COLOSSENSES 3,18)”.

Desta forma, a representação de si mesma foi sendo construída por outro. Esse outro, certamente, toda uma sociedade que queria responder a problemas que enfrentava. A mulher sendo fisicamente mais frágil não servia para serviços essenciais a sobrevivência de uma comunidade num meio tão inóspito. Logo, a ela foi dado o dever de cuidar da casa e dos filhos e filhas. A submissão aparece como uma necessidade de um momento, para a harmonia e sobrevivência de um grupo social. Seria a mulher o sacrifício que se põe à mesa para o grupo sobreviver e se desenvolver? Aristóteles em “*A Política*” relata que “*pelo fato de não lhes ter dado a natureza o instinto de mando*” tanto a mulher quanto o escravo eram inferiores ao homem. Mandar ou ordenar é algo próprio dos seres de inteligência, ou seja, do homem.

Para Aristóteles essa faculdade era dada arbitrariamente pela natureza tendo como fim somente “*a conservação das espécies*”. O homem tinha o dever de garantir a mulher e aos filhos condições para que eles vivessem bem. Devia zelar pelas coisas necessárias a sobrevivência e a mulher deveria cuidar e preparar o alimento e os utensílios necessários ao sustento da família. Há uma passagem de “O Sertanejo” que nos evidencia aproximação com essa herança cultural, seja religiosa, seja filosófica:

Os lenhadores voltavam do mato carregados de feixe, enquanto os companheiros conduziam à bolandeira

cestos de mandioca, ainda da plantação do ano anterior, para a desmancharem em farinha durante o serão.

As mulheres livres ou escravas, umas pilavam milho para fazer o xerém; outras andavam nos poleiros guardando a criação para livrá-la das raposas; e os moleques as ajudavam na tarefa, batendo o mata-pasto, ou dando cerco às frangas desgarradas.

As cozinheiras, encaminhando-se para a fonte a fim de lavar ali na água corrente a louça de mesa e fogão, assim como as caçarolas, cruzavam-se em caminho com as lavadeiras que já recolhiam-se com as trouxas de roupa na cabeça. [...]

Enquanto a mulher ocupava-se com esses misteres caseiros, o capitão-mor percorria os currais, tomando contas aos vaqueiros, mandando apartar os novilhos que era costume reservar para bois de serviço; indicando a rês que se devia matar para o gasto da casa; e assistindo a esfolar e a esquartejar, no que se comprazia com a perícia dos carneiros (ALENCAR, 1998: 58).

Observa-se, portanto, em “O sertanejo” que tanto a mulher livre como a escrava cabe as mesmas funções, reservando a primeira para si a faculdade de gerenciar as atividades (ou mandar) e a segunda de obedecer. Mas neste caso, essa faculdade de mandar e de obedecer, aqui, em Alencar, não se trata de mandar por ser mais racional, mas somente pelo fato de ter um posto mais elevado na hierarquia social, ou seja, ser a esposa do fazendeiro, por exemplo. Por estar a mulher ao lado do homem ela toma parte de sua racionalidade. Essa diferença entre ambas tornam-se muito nítida na forma de tratamento utilizado entre os personagens de “O sertanejo”. A esposa e a filha do capitão-mor Campelo recebem pronome de tratamento de D. Genoveva e D. Flor, enquanto que a ama e a enteada são chamadas somente pelo pré-nome de Justa e Alina.

Uma figura importante para a mulher sertaneja, presente na obra de Alencar, é Maria. Porque ela exerce uma função considerável na lapidação do referencial representativo da identidade feminina. É o que vemos aqui na fala do padre Teles dirigida a D. Genoveva “- *Lembre-se a dona que mais sofreu a mãe de Cristo, vendo seu filho não só morto e crucificado, mas coberto de baldões. E ela bebeu resignada esse cálice de amargura!* (ALENCAR, 1998: 19)”.

A tentativa do padre de consolar a senhora D. Genoveva quando ela pensa que sua filha D. Flor havia morrido no incêndio, nos leva a crer que no sertão alencariano, todos devem beber resignadamente o seu cálice de amargura, todos devem sofrer sem reclamar, ou melhor, fazer do sofrimento seu amigo íntimo. Isto é válido tanto para a mulher quanto para o homem. Que haja seca, fome, miséria, não se deve murmurar, pois o que vem à lembrança da maioria, Cristo e sua santa mãe muito mais sofreu. Esse é o melhor retrato para a mulher do sertão [N. 2] que reza com o seu

rosário “*Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua vontade* (LUCAS 1, 38)”. De fato, ao olharmos para Maria nos evangelhos vemos uma mulher que em nenhum momento questionou a vontade de Deus em sua vida. Nem nos momentos de alegria ao receber a notícia que seria mãe de Deus, nem nos momentos de dor ao ver seu filho ser assassinado.

No entanto, devemos confiar na nossa interpretação dessas mulheres alencariana como Justa, ama de D. Flor que traz enrolado ao pescoço o rosário e reza fazendo pedidos a Deus? E o que podemos pensar de Águeda?¹ Ela é, também, uma sertaneja? O que justifica a sua ação trapaçeira?

Não estaríamos, também, sendo muito santificadores da mulher sertaneja ao olharmos apenas para um lado do seu ser? Estas e outras são questões que não devemos esquecer ou negar se quisermos falar com mais propriedade dessa mulher misteriosa que é a sertaneja. Mas de um modo geral é unânime sabermos que a sua função é zelar pela casa e afazeres domésticos tendo total respeito e submissão ao marido, como se ver na obra. Este, no entanto, jamais deve faltar com respeito à mulher tratando-a da forma mais cortês possível, como assim revela Alencar: “*O capitão-mor fez à mulher uma respeitosa cortesia* (ALENCAR, 1998: 18)”. Podemos ver que nessa “*respeitosa cortesia*”, também, encontramos referência bíblica: “*Maridos, amai as vossas mulheres e não as trateis com aspereza* (COLOSSENSES 3, 19)”.

Mas como a mulher é superior e submissa ao mesmo tempo? Aquele que é superior recebe cuidados especiais. Mas é superior por qual motivo? Cuidados especiais, também, recebem aqueles que são frágeis. Como diferenciar alguém superior de alguém frágil sabendo que ambos são tratados com mais esmero? Como pensar o superior em alguém que já dissemos ser inferior?

No olhar que desferia a luminosa pupila; na seriedade de seus lábios purpurinos, que ainda cerrados pareciam enflorar-se de um sorriso cristalizado em rubim; na gentil flexão do colo harmonioso; e no garbo com que regia o seu feroso cavalo, assomavam os realces de uma alma elevada que tem consciência de sua superioridade, e sente ao passar pela terra a elevação das asas celestes. (ALENCAR, 1998: 9)

A mulher sertaneja é esse misto de superioridade e de inferioridade, de mando e de submissão, de força e de fraqueza, de medo e de coragem, de santidade e de lascívia. Ela é um simultâneo, pois se torna superior por ser ela o maior motivo de fazer o homem lutar pela sobrevivência de si mesmo e de sua cultura. O fato de um pai escolher o esposo para a filha mostra além do cuidado que ele tem por ela, mas, sobretudo, o desejo de não ver seu nome e sua história

1 Águeda é uma mulher que se passa por viúva a mando de Marcos Fragoso para enganar o capitão-mor com uma falsa história e seduzir Arnaldo com sua esplêndida beleza, dessa forma ela deixaria livre o caminho para raptarem D.Flor.

serem transmitidos para uma pessoa que não possui o mesmo status que ele. O capitã-mor Campelo decide com quem sua filha, D. Flor, vai se casar justamente por isso. Ele não aceitaria ver ser seu nome e descendência em alguém que ele considerasse inferior a sua pessoa, pois isso lhe diminuiria frente a sociedade em que ele estava inserido. Seria uma desvalorização para o seu nome. Assim, vemos que há na obra de Alencar um desejo de demonstrar como a estrutura social presente no cosmo da fazenda pode sobreviver ao tempo por meio de uma continuidade social. A célula de transmissão ou perpetuação desse cosmo liga-se ao anseio do capitão-mor Campelo de casar sua filha D. Flor com alguém que possua uma representação igual, seja imaginária ou não, do cosmo presente na fazenda sertaneja.

Já a submissão dessa mulher quando ocorre ao homem, dá-se, sobretudo, ao seu marido, o amado. Pois sua altivez e soberba permanecem diante da natureza e de seus subordinados.

Nas destemidas cavaleiras que afrontavam sorrindo os tropeços do caminho, e saltavam por cima de um tronco derribado ou de barrancos e atoleiros, não reconhecera decerto D. Genoveva, a modesta e laboriosa caseira, e as duas meninas tão mimosas.

São assim as filhas do sertão [...]. Esposas carinhosas e submissas, filhas meigas e tímidas, no interior da casa e no seio da família, quando era preciso davam exemplo de uma bravura e arrojo que subiam ao heroísmo (ALENCAR, 1998: 109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos retirar deste percurso em torno da obra “O sertanejo”, a tentativa de José de Alencar apresentar o processo de formação do homem sertanejo por meio da seleção de fenômenos culturais e sociais mais significativos para tornar público a estrutura da “boa sociedade” sertaneja. No cosmo que Alencar inventariou, ele foi capaz de registrar a disputa contínua pelo poder, em torno das possíveis perdas ou ganhos de prestígio e status em que a honra era a moeda para estes, bem como para o sentido da vida ou para a identidade pessoal. Para tornar visível o campo de competição nessa sociedade, utilizou-se, por exemplo, da estratégia de descrever o ritual da caça ao boi Dourado.

Por outro lado, Alencar foi hábil suficiente a defender para quem quisesse enxergar, que o homem sertanejo não pertence a nenhuma subclasse da espécie humana, numa época em que as teorias racistas estavam em pleno vigor no país, tanto que Arnaldo viu-se no direito de impedir o casamento de D. Flor com Leandro Barbalho - esse foi assassinado por Jó a mando de Arnaldo; certamente o destemido vaqueiro acreditava ser o esposo ideal para ela, faltando-lhe, somente, os

recursos materiais para poder pedir sua mão em casamento. Se José de Alencar tivesse continuado a história, tal como pretendia, teríamos mais elementos para pensar sobre esse assunto. Mas, ainda que o exímio escritor não tenha feito a ligação entre essas duas estruturas (D. Flor) e seu esposo através do casamento, ele anuncia para outro horizonte revelar o enigmático passado de Jó e sua amizade com Arnaldo (e o mistério que envolve o seu colar), sendo o vaqueiro possivelmente a parte principal para o desenvolvimento de outra estrutura de povoamento do sertão.

Enfim, a relação do sertanejo para com o mundo, para com si ou para com outro, advêm de uma representação de mundo que forjou a produção de um outro tipo de racionalidade de forte conotação religiosa, ao lado de outras racionalidades que continuam a existir no ocidente, como a capitalista e burguesa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALENCAR, José. **O sertanejo**. Fortaleza: Editora Verde Mares, 1998.

Aristóteles. **A política**. Col. Grandes Obras do Pensamento Universal. Vol. 16. Tradução: Nestor Silveira Chaves, s.l., s.d.

BAUMGARTEN, A. G. **Estética**. A Lógica da arte e do poema. Tradução de Mírian Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993.

Bíblia Sagrada. 143 Ed. São Paulo: Ave Maria, s.d.

Catecismo da Igreja Católica (Edição Típica do Vaticano). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

Raick, Regina Celi Fonseca, O homem o sertão e cultura. In. J. F. Sobrinho e C. L. da Costa Falcão (Org.). **Semi-árido: diversidades, fragilidades e potencialidades**. Sobral: Sobral Gráfica, 2006.

NOTAS

[1] José de Alencar, escritor romântico brasileiro, publicou “O Sertanejo” em 1875.

[2] “Maria é ao mesmo tempo a mão de Cristo e a mulher que luta incondicionalmente para o bem dos seus, a mulher que persevera na adversidade, que não se deixa vencer pela miséria ou a morte, é o ideal da mulher do sertão, dos sobreviventes da terra queimada.” (Raick, 2006).